



**IV CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL:  
DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS  
V SEMINÁRIO NACIONAL DE TERRITÓRIO E GESTÃO DE POLÍTICAS SOCIAIS  
IV CONGRESSO DE DIREITO À CIDADE E JUSTIÇA AMBIENTAL**

DIREITO À CIDADE

**Resistir para existir: o protagonismo feminino negro do bairro  
Calabar em Salvador-Ba**

Ana Cláudia de Jesus Barreto<sup>1</sup>

**Resumo:** A pesquisa tem como foco de estudo o protagonismo feminino negro na comunidade chamada Calabar, situada na cidade de Salvador-Ba, com o objetivo de dar visibilidade ao protagonismo durante a trajetória de luta pela terra e pelas melhorias habitacionais na comunidade, dando ênfase sobre o valor do engajamento e da força da atuação das mulheres para além dos papéis estereotipados, como sexo frágil e de dona de casa. A realização da pesquisa deu-se através das entrevistas e da pesquisa em fontes secundárias. Conclui-se que o grupo de mulheres foi fundamental para o fortalecimento da identidade e empoderamento das mulheres participantes.

**Palavras-chave:** empoderamento; coletivo; mulheres negras; aquilombamento.

**Abstract:** The research focuses on the study of black female protagonism in the community called Calabar, located in the city of Salvador-Ba, with the objective of giving visibility to the protagonism during the trajectory of struggle for land and for housing improvements in the community, emphasizing the value of engagement and the strength of women's performance beyond stereotyped roles, such as the weaker sex and housewife. The research was carried out through interviews and research in secondary sources. It is concluded that the women's group was fundamental for the strengthening of the identity and empowerment of the participating women.

**Keywords:** empowerment; collective; black women; collapsing.

---

<sup>1</sup> Assistente Social, Professora Adjunta do Departamento de Serviço Social da UFF Campos, Doutora em Serviço Social, e-mail acjbarreto@id.uff.br



## **I. INTRODUÇÃO**

O presente trabalho nasceu a partir de uma percepção pessoal enquanto realizava uma pesquisa acadêmica numa comunidade chamada Calabar na cidade de Salvador-Ba. Ao dialogar com as pessoas entrevistadas fui tomando conhecimento e percebendo que existiu um protagonismo feminino no decorrer do processo de luta pela moradia, mas que não estava evidente nos escritos sobre a história de luta daquela comunidade, que desde o final dos anos 1970, a partir da organização dos jovens fundaram a Associação Comunitária para reivindicar o direito à cidade e de viver com dignidade onde estavam situados. Trata-se de uma comunidade de pessoas majoritariamente pretas e que está situada em um dos lugares mais valorizados da cidade e cobiçado pelo capital imobiliário, logo pode-se entender a luta que foi travada pelo coletivo para permanecer na localidade e conquistar melhorias estruturais.

A partir daí surgiu um desejo de aprofundar sobre o protagonismo das mulheres negras dessa comunidade com o objetivo de dar visibilidade sobre o caminho percorrido por elas para a construção da creche comunitária, a formação do grupo de mulheres, a trajetória e memória que ficaram em segundo plano na história do Calabar, pois não tenho nenhuma dúvida e tão pouco as próprias mulheres, sobre o quanto esse protagonismo foi fundamental na construção da sua cidadania e do coletivo e que por isso deve ser conhecido por outros sujeitos sociais e outras mulheres que hoje travam lutas diferentes ou quiçá semelhantes nos seus territórios de vida.

## **II. A TRAJETÓRIA DE LUTA: A CONQUISTA DA CRECHE COMUNITÁRIA E O EMPODERAMENTO**

O Grupo de Mulheres do Calabar é o ponto de partida para entender o protagonismo das mulheres num contexto comunitário de luta pelo direito à cidade, entre o final dos anos de 1970 e início dos anos 1980. Mas, antes de tudo é necessário falar um pouco sobre o Calabar e as condições precárias, tanto habitacionais e sanitárias, em que as famílias enfrentavam naquele momento e em determinado tempo se mobilizaram para resistir contra a espoliação urbana.

A origem do nome Calabar está relacionada à formação de um Quilombo chamado Kalabari<sup>2</sup>, que estava localizado na faixa de terra onde hoje o bairro está situado. Segundo

---

<sup>2</sup> Segundo o historiador Cid Teixeira o nome Kalabari estava relacionado à região do norte da Nigéria, denominada Kalabari, local de origem dos africanos escravizados que formaram o quilombo.



Conceição (1984) essa descoberta foi um motivo para fortalecer a comunidade frente às ameaças constantes de sua remoção.

[...] reabilitava-se o Calabar, antes símbolo de resistência dos ancestrais africanos, agora símbolo de resistência ao neoescravagismo do século vinte, quando um punhado restrito de pessoas tudo possui e as multidões sequer tem direito de possuir um pedaço de terra. (CONCEIÇÃO, 1984, p. 22).

Segundo os moradores mais antigos a formação do Calabar começou a partir da década de 1940. A narrativa do morador Bento demonstra que foi nesse período que a sua avó, nascida em 1920 e passados 20 anos foi morar no local.

[...] Olhe bem, eu acho que o Calabar deve ter em torno de cem anos pra cima. Porque minha vó, ela nasceu em 1920, por sinal, se ela tivesse viva, estava fazendo 96 anos hoje. Ela disse que veio para cá com 20 anos. Ela morreu com 87, então só ela morou aqui 67 anos, mais os anos até aqui, dá 75 anos, só ela. Então, é por isso que eu digo que o Calabar deve ter pelo menos uns cem anos para cima. (CARVALHO, 2016, p.95)

Mas é a partir da década de 1960 que ocorre um adensamento populacional, em decorrência da expulsão de moradores de outras ocupações que ficavam próximas ao Calabar e que foram demolidas pelo poder público e somado a este evento tem-se a migração campo-cidade. Um momento marcado pela saída da mão-de-obra da área rural e também interiorana, que por falta de emprego, buscava a esperança de sobrevivência nas metrópoles. Como foi o caso da moradora Lindalva vinda da cidade de Feira de Santana que fica distante 116,4 Km de Salvador.

Eu vim do interior, vim de Feira de Santana, trouxe uma família pequena que aqui foi ampliada. Veio eu, meu esposo e três filhos, aqui nasceram mais dois e hoje são seis filhos. Todos estão adultos, todos formados, trabalhadores. Já tenho sete netos, todos aqui no Calabar [...]. Meu irmão já morava aqui e eu tinha concluído o curso de Magistério em Feira de Santana, estava à procura de emprego e lá o mercado não tinha muita chance [...] e aí eu vim para Salvador buscando a possibilidade de ingressar na educação que era minha prioridade.

Quando as primeiras pessoas chegaram ao Calabar não existia nada. Tudo era mato e pântano! Com a força de vontade e a necessidade de morar foram sendo levantadas as casas feitas de “bloco e tijolo de argila com reboco bem preparado, ou de táboas já gastas, [...] ou ainda de papelão, zinco com simplesmente de panos amarrados em estacas bichadas” (CONCEIÇÃO, 1984, p. 20), era tudo improvisado.

Não existia nenhuma estrutura sanitária, tão pouco água e luz. A certeza mesmo era da existência de um lamaçal com um odor de uma vala aberta que cortava o bairro de um lado a outro. Era a aspereza da pobreza vivenciada e sentida na pele preta esquecida e desprezada pelo poder público. Possivelmente a vala aberta foi o motivo dos muitos óbitos de crianças e adultos, cuja morte era de uma “doença misteriosa”, segundo Conceição (1984).

Quando chovia era um pesadelo para as famílias que assistiam suas casas serem invadidas pela enxurrada que traziam lixo e lama, além das flores, velas e pedaço de



esqueleto vindos do cemitério que fica próximo ao bairro. Tudo ficava boiando no rio que se transformava o bairro. (CONCEIÇÃO, 1984).

Porém, o ano de 1977 foi muito marcante para a comunidade e principalmente para os jovens do Calabar, que viviam conversando sobre a situação do bairro e a sua imagem estereotipada, que a imprensa divulgava como sendo um local de marginais. Esses jovens já cursando o ensino médio e o segundo grau, não aceitavam a situação com naturalidade e queriam mudar a imagem e as condições urbanas do seu local de moradia. Quando foram convidados para participar de uma gincana organizada pelo Padre Rubens Andrade. (CONCEIÇÃO, 1984)

Os jovens se sentiram animados com a ideia e até criaram a equipe “Unidos do Calabar”. Durante as tarefas que precisam executar, passaram a montar um trabalho realmente de equipe, onde cada integrante tinha uma função e inclusive com dia e hora de reunião. No final saíram vencedores e concluíram que a partir daquele momento começava o trabalho comunitário. (CONCEIÇÃO, 1984)

Então, no dia 12 de setembro de 1977 foi criado o grupo de Jovens Unidos do Calabar – JUC e, a primeira ação foi o conserto do chafariz:

[...] consertaria a carcaça do único chafariz que ainda funcionava, para abastecer de água potável toda a população. Possivelmente é exagero dizer que se retirava água potável de um chafariz literalmente danificado, sem torneiras (a água escorria por três buraquinhos da parede e era preciso colocar folhas para se aparar) e – o que era bem pior – um chafariz cuja base já estava submersa na grande vala que servia de escoadouro de fezes e tudo o que se pode imaginar de excrementos, lixo e animais mortos, que o aguador ia arrastando sem parar. A pessoa chegava com sua lata ou panela e colocava debaixo da bica, dentro da vala. Esperava-se quinze minutos e até meia hora para que o vasilhame enchesse. Nesse tempo, por algum descuido a vasilha virava ou até as brincadeiras de algum menino fazia salpicar água da vala que se misturava à água da bica que muita gente levava para casa. (CONCEIÇÃO, 1984, p. 32-33).

O JUC era composto majoritariamente por homens, inclusive é importante pontuar que ainda na gincana na formação da equipe foi anunciado que “em nossa equipe só vai dar homem” (Conceição, 1984, p. 30), apesar de que o autor cita que não gostava dessa ideia, embora não foi um feminista. Contudo, duas primeiras mulheres começaram a participar do JUC: a Lucinha e Berenice, nas palavras de Fernando Conceição (1984, p. 30) elas foram “as pioneiras do clube do bolinha”.

Existia um estigma em torno do grupo de jovens da comunidade, os pais não viam com bons olhos, acham que era uma “sem-vergonhice” e por isso não deixam que as suas filhas se envolvessem com as atividades que os jovens realizavam. Porém, o JUC mudou essa história, os pais começaram a ter confiança nos jovens que participavam da organização da ação comunitária.

Outro aspecto importante a ser pontuado, para posterior discussão, em torno de como as mulheres percebiam e enfrentavam o machismo, era de que as funções como de direção,



vice-direção, tesoureiro, secretário foram ocupadas somente por homens, enquanto Berenice foi escolhida e não eleita, como eram as outras funções, para atuar como responsável pela organização dos eventos sociais do grupo e da comunidade além de “cuidar para não passar despercebida a data de aniversário de algum membro do JUC, uma data festiva do calendário ou ainda mensagens de apoio a moradores enfermos ou parentes de alguém que viesse a falecer. (CONCEIÇÃO, 1984, 35-36).

Contudo, as mulheres do Calabar foram capazes de muito mais do que organizar datas festivas e transmitir mensagens de apoio a quem necessitasse. Elas foram protagonistas também da história da comunidade.

A luta não existiria se não estivessem as mulheres por traz. Teve uma liderança que é Fernando, sempre foi, tiveram outros rapazes também que lideravam [...], mas nem eles existiriam, nem a luta existiria se não tivessem tantas mulheres que estiveram participando, as mães de família, as jovens, tinham muitas mulheres e homens também, mas as mulheres nesse sentido foram fundamentais para que a luta existisse (informação verbal).<sup>3</sup>

Ao entrar em contato com parte das mulheres que participaram da construção do protagonismo feminino negro na comunidade do Calabar, através dos diálogos construídos para entender como foi o processo de envolvimento com a luta comunitária, pouco a pouco fui levada a algumas reflexões sobre a força feminina negra, sobre o empoderamento dessas mulheres, quando esta palavra não estava em voga, sobre a importância do coletivo ou aquilombamento na construção da identidade, da cidadania e da subjetividade.

A ideia é demonstrar através dos trechos das entrevistas e da pesquisa realizada a importância do coletivo para o crescimento pessoal, o fortalecimento da identidade, a proteção, a concretização de direitos sociais e da cidadania

Ao procurar entender o motivo da participação feminina não ter sido mencionada na história do bairro, haja vista que existe um livro intitulado Cala a boca Calabar e que não localizamos em nenhum momento o registro do protagonismo das mulheres, Tereza Lima, disse que era um lugar comum das mulheres ficarem nos bastidores na luta comunitária e que por isso as mulheres não apareceram tanto na história de luta da comunidade do Calabar.

Hoje e ainda naquela época ainda mais, a mulher tinha uma ação muito objetiva, concreta de fazer, mas a gente não tinha pensamento do que a gente estava fazendo, o nível de protagonismo, o nível de intensidade do que a gente estava fazendo. Na hora da prática você não pensa e esse lugar da mulher de tá sempre na parte de traz dos bastidores era muito comum na época nas comunidades e isso fazia com que a gente não aparecesse tanto, mas a luta não existiria sem essas mulheres que se organizaram (informação verbal).<sup>4</sup>

Há um reconhecimento hoje da Tereza do protagonismo das mulheres e ao mesmo tempo da falta de percepção sobre o nível de atuação à época das mulheres pelo direito à

---

<sup>3</sup> Entrevista com Tereza Lima realizada em 19/05/2021.

<sup>4</sup> Entrevista com Tereza Lima realizada em 19/05/2021.



moradia adequada, por água, luz e saneamento básico. Ao mesmo tempo também aparece o elemento do machismo e do patriarcado quando fala que “era lugar comum” as mulheres ficarem nos bastidores ou seja a figura feminina é posta atrás da masculina, como se fosse o seu lugar normal ou natural, colocando a mulher num papel secundário e mantendo-a no lugar construído para ser seu, como o lar, enquanto aos homens, cabe-lhes o papel de provedor e protetor e que lhe garante valorização social.

A fala da Lindalva corrobora o machismo infiltrado em meio a luta comunitária, quando diz:

O grupo de mulheres foi uma condição de pensar num projeto de empoderamento de mulher, começamos com essa ideia que deu muito problema, muita briga com os maridos. A gente resolveu criar o grupo de mulheres do Calabar, nos diziam parceiras da associação, mas muitas vezes eles boicotavam a participação da gente, “as mulheres não resolvia”, “não se envolvia”, mas a gente conseguiu muito quebrar essa barreira e fizemos muita coisa junto. Nossa primeira proposta com o grupo de mulheres foi criar uma creche (informação verbal).<sup>5</sup>

O Grupo de Mulheres do Calabar foi criado a partir de 1982 por lideranças femininas e moradoras e tinha como objetivo principal organizar as mulheres em suas lutas específicas, buscar uma fonte de renda e uma creche para trabalhar e deixar os filhos.

O grupo era composto em sua maioria por mulheres que eram chefe de família, que sustentavam suas casas sozinhas, quase todas trabalhavam como empregadas domésticas ou lavadeiras de roupas. Duas jovens lideravam o grupo, sendo uma delas a Cristina Conceição, técnica em enfermagem e já funcionária pública concursada, a outra era Tereza Lima, estudante do ensino médio que atuava como líder comunitária em muitas outras funções.

A compreensão de que as mulheres precisavam cuidar umas das outras é marcante na fala da Vânia, que também foi integrante do grupo e militante comunitária “precisava de uma mulher cuidar de outra mulher” e então o grupo passou a funcionar como um espaço de fala, um momento para as mulheres exporem suas opressões, de fortalecer a autoestima e ao mesmo tempo neste processo de escuta e fortalecimento desenvolver o empoderamento feminino negro na comunidade. De que a mulher deveria lutar pelo seu direito de ser respeitada e de não aceitar ser violentada e que era importante a mulher ter um espaço para ela.

As mulheres tinham que tá reunida entre elas, sentar, conversar, discutir e vê uma forma de tá ajudando, até mesmo incentivando elas a buscar seus direitos como mulher, porque a mulher não é só escrava, não é só objeto sexual, a mulher não é só para ser espancada, a mulher tem que ser vista de uma forma diferente (informação verbal).<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> Entrevista com Lindalva dos Reis Amorim realizada em 22/04/2021.

<sup>6</sup> Entrevista com Vânia Eliane Souza Araújo realizada em 13/05/2021.





“Então elas sempre queriam participar para mudar a história de suas vidas”, disse Vânia e no movimento de trocas no grupo buscavam soluções coletivas e, a partir das necessidades percebidas, foram à luta pela construção da creche. Importa destacar aspectos fundamentais no movimento da criação do grupo, como a necessidade de fortalecimento das mulheres, da escuta dos problemas umas das outras e que implica uma sustentação emocional e psíquica, necessária frente às condições de vida. A cartilha elaborada para divulgar sobre o grupo é bem ilustrativa e sinaliza esses aspectos importantes do movimento da criação do grupo.

Figura I: Cartilha do Grupo de Mulheres – frente e fundo



Fonte: Arquivo da Biblioteca do Calabar, 2021.



Figura II: Cartilha do Grupo de Mulheres – parte interna



Fonte: Arquivo da Biblioteca do Calabar, 2021.

A saída encontrada pelas mulheres para lutar contra o sistema de opressão e o risco de serem retiradas do território foi à organização coletiva. Segundo Ribeiro (2019, p. 64) “o falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas a poder existir”. É justamente o querer existir que fez todo o sentido na luta do resistir das mulheres que participaram ativamente das passeatas e do movimento pelo direito à cidade, das reuniões com o prefeito para pressioná-lo na execução das obras de infraestrutura do bairro, que incansavelmente persistiram na elaboração do projeto de uma creche “diferenciada”. Essas mulheres que filhas da África, descendentes das bisavós, avós e mães e que hoje como filhas, resolveram romper o silêncio e gritar por liberdade.

O empoderamento passa por processos, e no caso das mulheres do Calabar o primeiro deles foi à entrada na escola e o segundo a criação do grupo de mulheres. O desejo de querer ler e escrever, de se qualificarem para conseguir um emprego as levaram ao encontro de novos conhecimentos que as possibilitaram entenderem melhor o sistema opressor e a enxergarem ferramentas e habilidades internas que fizeram com que assumissem uma postura de enfrentamento das opressões e com isso foram construindo um caminho coletivo de resistência contra a investida do poder público e do capital imobiliário que queriam expulsar a comunidade a qualquer custo de uma das áreas mais valorizadas da cidade.





É o empoderamento um fator resultante da junção de indivíduos que se reconstróem e desconstróem em um processo contínuo que culmina em empoderamento prático da coletividade, tendo como resposta as transformações sociais que serão desfrutadas por todos e todas (BERTH, 2020, p. 54).

Mulheres unidas jamais serão vencidas! Este era o lema das mulheres do grupo, que além da prioridade de ter uma formação que as possibilitassem ler e escrever e de ter um emprego, havia também à necessidade de uma creche para colocar seus filhos, motivo pelo qual muitas acabavam deixando de estudar. Então, sempre nas reuniões do grupo circulava a necessidade de uma creche na comunidade, tornando-se assim, um projeto liderado pelas mulheres do Calabar.

O sentido de sobrevivência comunitária levou essas mulheres à luta pelo direito de existir com dignidade, do acesso à terra, renda e trabalho. No entendimento de Beatriz Nascimento o quilombo é uma condição social e que não pode ser reduzido a um reduto de negros fugidos, como é contado pela história branca. A autora dentro da sua trajetória e pesquisa sobre o quilombo procurou desconstruir a ideia reducionista contada pelos registros oficiais, com o propósito de:

Trazer à luz essa capacidade do negro de empreender uma organização social, de empreender uma vida própria deles, com cultura própria, com relações próprias, e mostrar que hoje em dia talvez eles ainda tenham esse tipo de organização própria, de relações próprias, e um dos grandes trabalhos que ele tem que fazer seja realmente de se conscientizar dessa sua posição diante do mundo e tentar botar fora essa organização que ainda persiste ao nível das relações entre si e dos grupos negros. (NASCIMENTO, 2018, p. 130-131).

Para a autora, na atualidade o quilombo é um “instrumento ideológico” para luta da população negra e que no passado foi instrumento de rebelião. É um instrumento que produz na população negra uma autoafirmação e compreensão da sua capacidade de ir à luta, de resistir e gerar transformação. Onde quer que tenha um agrupamento de pessoas negras, qualquer relação que tenha entre si, eles estão “repetindo a forma de resistência cultural e racial” (NASCIMENTO, 2018, p. 131) e a possibilidade de criar uma sociedade paralela no interior da sociedade que os oprimiu.

O quilombo segundo Nascimento (2018) é uma palavra negra que significa união, mas também é a possibilidade de as pessoas negras repensarem seu papel dentro da história do Brasil e que deixaram um legado para a posteridade de luta pela liberdade.

Engajadas na luta comunitária as mulheres se lançaram para a conquista da creche, um equipamento social muito necessário e essencial para aquelas mulheres, que trabalhavam e não tinham onde deixar seus filhos. “Não foi fácil, foi muita caminhada, muito choro, muita humilhação, mas nós como mulheres somos mais que vencedoras, nós vencemos”



(informação verbal)<sup>7</sup>. Assim falou Vânia que fez questão de dizer que as mulheres do grupo queriam uma creche diferenciada e que tanto o Grupo de Mulheres do Calabar como a Associação de Moradores tiveram um papel fundamental nas discussões e na elaboração do projeto educacional para a creche.

Assim que souberam do programa de construção de creches nos bairros mais vulneráveis de Salvador, executado pelas Voluntárias Sociais, as representantes do Grupo de Mulheres do Calabar mantiveram contato e entregaram para a então, Presidente das Voluntárias Sociais à época, Yeda Barradas Carneiro, um relato da situação das crianças do bairro.

A demanda foi acolhida pela Presidente, porém, não foi de pronto que a creche foi construída no bairro. A fala de Ana Cristina Conceição traduz as dificuldades que foram enfrentadas: “Tivemos que correr atrás, como tudo no Calabar, a gente sempre teve que lutar muito e pressionar”. Segundo Ana Cristina o espaço para a construção da creche, foi o primeiro impasse. A Presidente das Voluntárias retroagiu ao projeto da creche do Calabar, devido a ilegalidade do terreno. Contudo, o terreno ao lado da Escola Aberta, já havia sido liberado, pelo então Prefeito Manoel Castro, através de alvará de licença. Resolvido o impasse do terreno, iniciou-se a espera pela visita do engenheiro para avaliar a área para a construção do prédio. Uma promessa que não se cumpria. Então, realizaram uma reunião para definir algumas estratégias para acelerar a visita do profissional de engenharia.

As reuniões sobre o projeto da creche aconteciam com as mulheres integrantes do grupo, as representantes da Associação de Moradores do Calabar e a Presidente das Voluntárias Sociais, Ieda Barradas Carneiro, e em outros momentos o governador João Durval estava presente.

Tereza Lima disse que em alguns momentos dessas reuniões, elas eram tratadas muito mal, em outros as tratavam melhor, “não por bondade, mas pela força política que a gente exerceu, eles foram cedendo algumas coisas para a gente. Mas não foi fácil, foram muitas humilhações mesmo. De ir pra lá, de ficar esperando a tarde toda, de levar menino, ficar a tarde toda no Palácio da Aclamação das 14hs horas da tarde até às 17hs para sermos atendidas”. Abaixo segue o percurso que as mulheres faziam, muitas vezes a pé, num trajeto de 2,3Km, quando precisavam pressionar o poder público e chamar atenção da sociedade para a sua reivindicação.

---

<sup>7</sup> Entrevista com Vânia Eliane Souza Araújo realizada em 13/05/2021.



**Figura III:** Percurso percorrido pelas mulheres



**Fonte:** Google Maps, 2021.

“Íamos sempre no Palácio da Aclamação reivindicar pela creche. E uma das reivindicações nossa era que os funcionários fossem da comunidade”, disse Ana Cristina, com exceção da equipe especializada como médico, nutricionista, pedagoga, assistente social. “Aí mais uma pedra foi colocada no meio do caminho pela leda Barradas, que estabeleceu o critério, que somente pessoas de até 35 anos poderiam ser admitidas para trabalhar na creche. Quando a maioria das mulheres tinham mais de 35 anos. “Não isso não tá certo. Nós fomos lá. Aí eu peguei o microfone, eu não sou nem muito de falar em público. Eu joguei duro. Quantos anos a senhora tem? Quantos anos a primeira dama tem? Tem mais de 35 anos, né? Como que pode agora determinar a idade das mulheres? A comissão foi lá pra dentro e voltou e nós conseguimos que as mulheres ficassem trabalhando (informação verbal).<sup>8</sup>

Questionada sobre qual seria o motivo do critério da idade pela Presidente, Ana Cristina disse: “Ela não justificou o motivo. Mas, eu acredito que ela queria colocar cabo eleitoral. Você sabe que política tudo é uma troca. Era um jogo político. Só que nós não aceitamos. Como nós erámos maioria e as pessoas respeitavam a luta do Calabar, aí ela teve que aceitar. Não era justo, desde o início a gente lutando e aí coloca pessoas que não tinham nada haver”.

Foram três anos de luta contra a resistência do poder público em beneficiar a comunidade com a creche comunitária, “a gente cobrou e aí eles cederam. Tudo que é para o pobre, para o negro tem uma resistência. O poder público não está nem aí. Tudo que é para beneficiar o favelado fecham os olhos”, disse Ana Cristina.

<sup>8</sup> Entrevista com Ana Cristina Conceição realizada em 13/05/2021.



Durante os três anos de luta, muitas reuniões ocorreram e as passeatas também e uma delas a Ana Cristina recordou narrando que “a gente colocou as crianças todas na frente do Calabar, impedindo o trânsito. Fechamos a rua e ligamos para a imprensa. O pessoal passando e dizia: vocês estão certos, é isso aí”.

Havia a participação das mulheres nas reuniões com a equipe técnica, onde as suas opiniões eram escutadas e acolhidas, isto porque pressionaram pela participação na elaboração do projeto, pois elas sabiam o que e como queriam o desenvolvimento educacional das crianças da creche e não abriram mão de acompanhar e expor o modelo de creche que desejavam para a comunidade.

O dia D chegou e a creche após “muita luta, muito choro, muita caminhada, muita humilhação” (Vânia), foi inaugurada em 1986. Mas, houve um episódio que marcou a Vânia neste dia devido uma forte presença de policiais. E aí nós mulheres, o que está acontecendo? e aí chamou a pessoa responsável, porque vinha as autoridades, a primeira dama e aí a gente não. As mulheres se agruparam, chamou a pessoa e disse não. A gente mandou que recuasse toda a polícia, porque aqui no Calabar não tinha marginais, não tinha pessoas do mal, pessoas de bem. Naquele momento tentaram resistir. Eu pensei assim: meu Deus, já tivemos várias reuniões no Palácio. Não somos mulheres marginais, somos pessoas de bem. Fomos lá reivindicar o que é de direito nosso. Precisava de um lugar pra colocar nossos filhos. Não atendia a gente. A de repente no dia de uma inauguração [...] o Calabar é favela, isso é realidade, mas fomos taxativas, mandamos voltar. Nós fomos aplaudidas pela decisão que nós tomamos, porque isso não se faz”.

A Tereza Lima foi a Diretora da Creche por quatro anos. Explicou sobre a concepção de creche “diferenciada”, pontuada pela Vânia, que fez questão de sinalizar que “não queríamos um depósito de crianças”. Vale ressaltar que a administração da creche era da competência das mulheres da comunidade, enquanto os especialistas cuidavam das atividades relacionadas a sua área de conhecimento especializado.

O projeto educativo concebido era o de uma creche onde as crianças se sentissem felizes e não fosse apenas um depósito de crianças “só para comer e dormir”. Que elas aprendessem algo importante e que fosse significativa. O atendimento as crianças deveriam ser de qualidade e a alimentação também. Em nenhuma hipótese poderiam ser maltratadas, “não podiam sofrer nenhum beliscão, nossas crianças não podiam por parte de ninguém serem violentadas nem fisicamente ou psicologicamente, era uma regra fundamental e tinha que ter um atendimento médico de precisão. A nossa creche era uma das mais bem conceituadas





entre as creches, porque tudo funcionava muito bem, isso é mérito meu e das meninas (informação verbal).<sup>9</sup>

A vacina tinha que estar em dia. Esse era um dos critérios que a administração da creche exigia das mães. A Ana Cristina era técnica de enfermagem da creche e responsável pela vacinação e relata que “fazia bilhetinhos para avisar qual data ia ter vacinação. Pedia a mãe a carteirinha de vacinação. Tinha todo um cuidado com as crianças”.

### III. CONCLUSÃO

Ao entrevistar as mulheres que participaram do processo da luta comunitária e do grupo de mulheres ficou muito evidente o quanto foi importante esse envolvimento. Todas disseram sobre o quanto mudaram enquanto mulher negra, moradora de comunidade. Que aprenderam sobre a autovalorização, o autorrespeito, a construção da identidade como mulher e negra e se reconhecem como pessoas de direito à uma vida digna e com qualidade. Algumas saíram do interior do estado da Bahia, fizeram um percurso urbano até chegarem ao Calabar e hoje sentem-se vitoriosas e fariam tudo outra vez. É perceptível o ganho cultural, emocional e de conquista dos recursos comunitários, pois elas conseguiram efetivar o sonho da construção creche, o que não faltou muito luta e determinação. Logo, a força do coletivo feminino é imprescindível numa sociedade hierarquizada, racista e patriarcal e por isso, através do aquilombamento, as mulheres fortalecem-se, empoderam-se no sentido de ter voz e se impor e ao mesmo tempo construir uma nova realidade que venha ao encontro das suas reais necessidades. Essas mulheres fizeram valer o lema comunitário: Resistir para existir. Pois, foi através do processo de resistência quilombola, que tomaram o seu lugar e enfrentaram o poder público dominante, entendendo que somente com luta se impõe o direito a existir numa estrutura social racista.

#### Referências

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2020.

BARRETO, Ana Cláudia de Jesus. **Projeto de Pesquisa Tecendo o protagonismo feminino: a trajetória de resistência das mãos negras do Calabar**. UFF: Campos dos Goytacazes, 2020.

CARVALHO, Ana Clara de Rebouças. **Agir e interagir na prevenção da violência: estudo em um bairro popular de Salvador-Ba**. 2016. 270f. Tese (Doutorado em Saúde Pública). Instituto de Saúde Coletiva. Programa de pós-graduação em Saúde Coletiva. Universidade Federal da Bahia. Salvador. 2016.

---

<sup>9</sup> Entrevista com Tereza Lima realizada em 19/05/2021.



CONCEIÇÃO, Fernando. **Cala boca Calabar**: A luta política dos favelados. Petrópolis: Vozes, 1986.

NASCIMENTO, Beatriz. **Beatriz Nascimento quilombola e intelectual**: possibilidades nos dias de destruição. Diáspora Africana: Editora Filhos da África, 2018.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de fala**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.